

João Maria ANDRÉ e Mariano ÁLVAREZ GÓMEZ (eds.), *Coincidência dos opostos e concordância: caminhos do pensamento em Nicolau de Cusa. Actas do congresso internacional realizado em Coimbra e Salamanca nos dias 5 a 9 de Novembro de 2001*, Tomo I, Ed. da Unidade I&D “Linguagem, Interpretação e Filosofia”, Coimbra, 2001, 245 pp.; ISBN 972-9038-59-7.

Mariano ÁLVAREZ GÓMEZ e João Maria ANDRÉ (eds.), *Coincidencia de opuestos y concordia. Los caminos del pensamiento en Nicolás de Cusa. Actas del congreso internacional celebrado en Coimbra y Salamanca los días 5 a 9 de noviembre de 2001*, Tomo II, Sociedad Castellano-Leonesa de Filosofía, Salamanca 2002, 217 pp.; ISBN 84-920143-6-9.

Estes dois volumes, editados autonomamente, são desde logo relevantes pela importância do tema e por reunirem um amplo leque de colaborações (o conteúdo respectivo é transcrito no final desta recensão), mas também por reunirem as Actas de um congresso que decorreu em dois países, Portugal (Coimbra, abaixo abreviado pelo número I) e Espanha (Salamanca, abreviado pelo número II). Tendo como temática central a coincidência dos opostos e a concórdia em Nicolau de Cusa (1401-1461), o âmbito destas Actas permite compreender como a mesma é decisiva na sua obra e se estende desde os planos metafísico, gnoseológico, político-ecclesiológico, até à própria hermenêutica e metodologia, sendo, portanto, constituinte intrínseco da sua filosofia. Nicolau de Cusa tem sido, seguramente, um dos autores medievais mais estudados, como se comprova não só pelo facto de se dispor hoje de uma *Opera omnia* em edição crítica em curso de realização, e pela existência de uma revista dedicada à sua obra, pensamento e influência (*Mitteilungen und Forschungsbeiträge des Cusanus-Gesellschaft*), factos exclusivos a poucos autores da história da filosofia. Avulta ainda uma vasta bibliografia recente (para uma resenha ver H.G. Senger, «Cusanus-Litteratur der Jahre 1986-2001. Ein Forschungsbericht (Fortsetzung)», *Recherches de Théologie et de Philosophie Médiévales* 69, 2002, 371-394, a continuar nos próximos números da revista) e sobretudo a realização de diversos congressos, entre os quais este, no momento da passagem do sexto centenário do nascimento do cardeal e filósofo.

A importância da obra de Nicolau de Cusa é posta em relevo nestes dois volumes quer pela análise dos seus textos, quer pela confrontação e aproximação com autores anteriores (João Escoto Eriúgena, Henrique de Gand, Raimundo Lullo, este quanto à concordância das religiões, Mestre Eckhart ou Petrarca), com contemporâneos (Juan de Segóvia), quer mesmo pela sua fortuna em autores posteriores (Giordano Bruno, Hegel, ou a permanência da distinção *intellectus - ratio* em Kant, Marx, Bergson, Gabriel Marcel ou Blondel, cf. II.181-5). Sendo o pendor das comunicações do congresso mais de teor interpretativo que filológico (e convém não esquecer o cuidado filológico do próprio Nicolau de Cusa no cotejo de manuscritos, por exemplo) e, portanto, ser, nestes casos, secundária uma procura de resíduos textuais, como no caso de Hegel (e que o autor, D. Ferrer, admite, cf. I.188-9) ou Henrique de Gand (embora neste caso, o autor, M. S. de Carvalho, chame à colação uma citação de Tomás de Aquino, nomeadamente do *De aeternitate mundi* no *De venatione sapientiae*, precisamente a propósito da polémica sobre a eternidade do mundo, cf. I.155 mas também I.162), o que coloca sempre questões de legitimidade hermenêutica, o certo é que essas abordagens podem ter resultados frutuozos, como, para citar o primeiro exemplo, o caso de Hegel, com a aproximação entre a categoria hegeliana de essência e o conceito cusano de *non aliud*.

Também o cotejo com o coevo Juan de Segóvia, efectuado por K. Reinhardt, revela ainda consequências sobre o próprio pensamento cusano: se no sermão CCIV de São Miguel

pretende fundamentar a glória divina como uma ciência que permite afirmar a existência de Deus, e para isso o próprio Deus deve criar seres capazes de o glorificar (tese que se encontra também no *De beryllo*), o que Juan de Segóvia aceita, a verdade é que o professor de Salamanca, no *De substantia Ecclesiae*, restringe a manifestação da glória divina a um dom atribuído por Deus apenas à Igreja e não, como em Nicolau, a todas as criaturas racionais e por conseguinte aos filósofos da Antiguidade, o que implica uma desvalorização da filosofia no castelhano e *a contrario* uma valorização no cardeal (cf. II.144-5). Uma equivalência é ainda feita, em dois artigos, com Giordano Bruno. No de J. Jiménez Heffernan, a concepção de matéria em Bruno, identificada com Deus, é aproximada da incognoscibilidade divina em Nicolau, tendo ambas em comum a figura da obscuridade. No segundo, de M. Bartolomé Luis, são identificadas influências de Nicolau em Bruno, operando-se sobretudo a uma comparação entre os dois autores no que à coincidência de opostos diz respeito. Por último, e no que toca à relação do Cusano com outros autores, importa tecer algumas reservas ao artigo de J. M. Udina, já que nos escapa a pertinência da já mencionada distinção *intellectus-ratio* em autores do séc. XX e mesmo levando em consideração que o autor não esclarece se analisa estes autores sob a categoria de influência, referindo-se apenas a “huellas” do Cusano. Será, quanto a nós, cair no tipo de erro de, por exemplo, Henri de Lubac com a sua obra *La posterité spirituelle de Joachim de Flore*, hoje rejeitada, na qual acertava uma influência do abade calabrés em todos os autores que se serviam da dialéctica no seu pensamento.

O grosso das contribuições é, contudo, centrado no tema do congresso. Na impossibilidade de dar conta da totalidade do conteúdo dos artigos, efectuamos uma breve referência a todos, dos quais sobressai, como conclusão, uma valorização do humano e uma divinização do mundo em Nicolau de Cusa. É a conclusão a que nos conduz, por exemplo, C. D’Amico que, num artigo sobre o *De beryllo*, realça a revisão cusana das tradições metafísicas (e nunca é demais relevar este plural), ao estabelecer que a relação entre princípio e principiado não é da ordem da participação, mas da intenção da comunicação divina, fazendo do ente particular uma similitude do intelecto criador, embora segundo a disposição daquele e sem anular a sua indivisibilidade, que mais não é do que coincidência de opostos. Deste modo, o intelecto humano é uma imagem da divindade, comunicada no seu ser pelo modo da multiplicidade sem anular a sua infinitude. No mesmo sentido, pese embora a questão da participação, aponta a contribuição de M. S. de Carvalho, para quem a colocação da polémica acerca da eternidade do mundo na dimensão da douta ignorância, na senda de Moisés Maimónides, juntamente com a eternização do mundo pela participação no Eterno (e o mundo é eterno já que é o tempo que dele depende e não o contrário) e pelo facto de existir no horizonte do infinito, apesar de dele se distinguir (já que o *posse fieri* não coincide com o *posse facere* no mundo, mas tão só em Deus), permite a “eclosão do Espírito na Natureza” (I.167). Ou ainda o artigo de J. L. Cantón Alonso que, ainda que mais centrado

em Escoto Eriúgena, salienta que a ideia de teofania, se revela uma precariedade do criado, faz avultar a positividade do mundo e a relação da criatura com a totalidade, implicando, no caso de Nicolau de Cusa, a ideia de concórdia.

É precisamente esta última ideia, juntamente com aquela de diferença, a ter também um papel central nestas actas, nomeadamente nos textos dos dois editores. J. M. André parte da afirmação de que a filosofia cusana pressupõe uma superação dialógica reassumptiva das diferenças entre infinito e finito (*transsumptio*) que se realizará na unidade simples como conexão amorosa, procurando mostrar como entre os homens essa superação é a concórdia e a confluência para o Verbo. Deste modo, estuda alguns textos onde o conceito de *transsumptio* ocorre, explicitando os domínios em que se aplica (com ênfase para a simbologia na obra do Cusano), efectuando ainda uma análise dos conceitos de *concordantia* e *concordia*, relevando as categorias de identidade e diferença como complementares para a realização da concórdia. Já M. Álvarez Gómez, considerando como característica determinante a coincidência dos opostos e sublinhando a ruptura que Nicolau de Cusa aporta ao pensamento filosófico, estuda os fundamentos da concórdia e a constituição da diferença, bem como a inter-relação entre as duas noções. Semelhante temática é abordada por K. Kremer que, com uma grande mole de confrontação dos textos cusanos, conclui pela necessidade da diferença (pelo menos no plano não divino) analisando a problematicidade destes conceitos na Trindade e na questão da compreensão da divindade por parte do intelecto humano. Também W. Dupré subordina o seu texto ao estudo da ideia de coincidência dos opostos, tendo em conta a sua tradição, mas sobretudo que a coincidência, no Cusano, aponta sempre, em cada ponto de intersecção, para o ponto seguinte e, portanto, para o infinito. Desta forma, a coincidência surge do intelecto que procura formar o conceito de máximo (mínimo absoluto no infinito), correspondendo à ideia da coincidência a ordem que se dá a conhecer na *explicatio* e na *complicatio*, considerando ainda o autor que a ideia de coincidência permite ao indivíduo relacionar-se com o todo. Verifica-se assim, uma vez mais, a valorização antropológica operada pelo Cardeal, a qual se patenteia ainda no artigo de L. R. Santos, o qual aborda o tríptico formado pelos diálogos *De sapientia*, *De mente* e *De staticis experimentis*, cuja unidade, para além da figura do idiota (recorrente no Humanismo italiano), se fundamenta na possibilidade de ler os três diálogos como um comentário ao *Livro da sabedoria*, onde sobressai a concepção cusana de verdade, afastada de um mero saber escolástico e implicando uma crítica das *auctoritates* (aspecto relevado também por Reinhardt no seu artigo). Para o autor, dá-se uma valorização das actividades humanas que expressam o poder criador da mente humana, ligada ao reconhecimento da qualidade divina do mundo. Neste sentido, a sabedoria do idiota remete para a(s) experiência(s) e para a incapacidade de um discurso unívoco face ao inefável, apesar da mente humana ser a mediação entre Deus e o real. Esta tensão entre a impossibilidade de alcançar a totalidade e em concomitância isso não levar a um pessimismo antropológico, é

visível também no texto de P. Casarella que, partindo da assunção de que a doxologia é, para Nicolau de Cusa, um fenómeno intelectual e não uma expressão de fé ou um movimento da vontade, analisa o *De venatione sapientiae* e a epístola ao noviço Nicolau Albergati, concluindo que a doxologia é uma *scientia laudis* que proporciona uma relação entre o intelecto, o mundo e a divindade, na medida em que permite a definição e tem como fundamento Deus, visto o elogio ser um seu atributo, além de evidenciar a subjectividade do homem e a íntima relação deste com Deus, ao expressar o que é digno de elogio.

Temática obrigatória num encontro sobre Nicolau de Cusa é também a sua eclesiologia, presente em alguns dos artigos já referidos (no de J. M. André, por exemplo), e denominador comum das conferências de W. A. Euler e de H. G. Senger. Se o primeiro enfatiza a figura de Cristo na ideia de concórdia, já que, tendo uma humanidade divina, deve ser o mediador da busca humana de Deus e como tal pressuposto de todas as religiões, ainda que expressas sob formas diversas, o segundo é um contributo relevante para apreciar a evolução da eclesiologia cusana, bem como a sua fortuna (sendo de realçar o facto de ter sido considerado herético, ironia extrema até pelo facto do seu relacionamento estreito com o papa Aeneas Silvio Piccolomini), tendo como base o conceito “coincidental” de Igreja. O Autor parte do período compreendido entre 1432-7, no qual se vislumbra uma eclesiologia enciclopédica, estruturada hierarquicamente, até à sua concepção posterior, seja no *Concordantia catholica* seja nos *Sermones*, com uma perspectiva mais fundada teoreticamente e na qual a Igreja tem um papel fulcral na história da salvação, ou ainda no texto da *Reformatio generalis* (1459), onde o conceito de Igreja é sobretudo pragmático.

Um outro texto a dar conta da evolução do Cusano é o texto de H. Schwaetzer, onde se estuda a relação entre coincidência e igualdade, tendo esta uma dimensão metódica que se desdobra em três níveis de ser e conhecimento (nível matemático da *aequalitas*, que é a igualdade do mais e do menos; nível da infinidade da igualdade, onde *aequalitas* equivale a *coincidentia*; nível da Trindade, sendo a igualdade um predicado do Verbo). O autor analisa sobretudo a evolução deste aspecto no pensamento cusano: desde cerca de 1442, quando determinou a coincidência e a igualdade nos níveis matemáticos (e cerca de 1446 nos níveis trinitários), até 1453, quando abordou a equivalência entre igualdade infinita e coincidência, o que marcaria todo o seu pensamento ulterior, concluindo Schwaetzer que o pensamento de Nicolau de Cusa partiu da coincidência até chegar à igualdade — é a igualdade, o Verbo em que Deus e os homens coincidem, que torna possível o conhecimento humano, como se verifica no *De aequalitate* de 1459.

Também M. del C. Paredes Martín, debruçando-se sobre o primeiro livro do *De docta ignorantia*, defende ser esta uma noção linguística, na medida em que partindo o filósofo alemão da possibilidade do conhecimento, antecipando assim a Modernidade, nas palavras da autora, impõe-se a necessidade de analisar a linguagem, nomeadamente a matemática (dando-se relevo às noções de proporção, número e linha) que, tendo um uso transcendente,

se revela como prolegómeno para aceder ao infinito. Deste modo, e tendo em conta a diferença entre *ratio* e *intellectus*, aborda-se o conhecimento da coincidência de opostos, a qual pode ser pensada, ao contrário do seu fundamento entitativo (revelando os limites da linguagem matemática, apesar da “remoção” como método). Também no domínio da gnoseologia, mas apontando para as suas consequências éticas, se encontra o artigo de I. Bocken, na sequência de um seu outro artigo recente. Tendo em conta o conceito de máximo, o qual permite a interpretação do sentido de todo o conhecimento bem como de todas as significações, Bocken mostra que o fim da interpretação implica também o conhecimento de si, sendo, por conseguinte, normativo. Desta forma, interpretar é algo não apenas teórico, mas um paradigma da acção humana e, sendo um momento constituinte da realidade, implica a liberdade humana na ordem ontológica.

Por último, registre-se o ensaio teológico de A. Borges e o artigo de G. Cuozzo dedicado à teologia do cusano, onde aborda a definição de Deus que, para o autor, sendo auto-identidade, é a tradução especulativa que Nicolau dá à afirmação do *Êxodo* “Ego sum qui sum”. Por outro lado, considera que o movimento espiral da mente que se aproxima da divindade, experimentando a possibilidade de uma *theologia circularis*, é síntese das teologias apofática e catafática.

Parece-nos, portanto, que as actas do congresso luso-espanhol, que se associou às comemorações internacionais do sexto centenário do nascimento de Nicolau de Cusa, permitem dar uma visão plural do seu pensamento, em diversas vertentes da sua obra, estimulando outros estudos sobre um autor de charneira, não sendo, aliás, raras as vezes que durante estas actas é destacado o seu papel na superação de paradigmas anteriores, como se sublinha nas sínteses apresentadas acima. No plano formal, se são de louvar os resumos efectuados no final de cada artigo (em alemão, quando são em português, castelhano ou francês, e em português ou espanhol, quando são em alemão ou italiano), lamenta-se contudo a inexistência de índices finais, sobretudo de um *index locorum* das obras do Cusano, o que permitira facilitar um futuro manuseamento dos volumes.

CONTEÚDO

Tomo I (*Coincidência dos opostos e concordância*):

Klaus Kremer, *Konkordanz und Koinzidenz im Werk des Nikolaus von Kues: Gemeinsamkeiten und Unterschiede* (pp. 13-50); Peter Casarella, «*Sacra ignorantia*»: sobre a doxologia filosófica del Cusano (pp. 51-65); Leonel Ribeiro Santos, *A sabedoria do idiota* (pp. 67-100); Claudia D’Amico, *Principio intelectual y «coincidentia oppositorum» a la luz de las tradiciones filosóficas en el «De beryllo»* (pp. 101-17); Walter Andreas Euler, *Konkordanz der Religionen bei Ramon Llull und Nikolaus Cusanus* (pp. 119-139); Mário Santiago de Carvalho, *Das metamorfoses da possibilidade à possibilidade das metamorfoses. Nicolau de Cusa e a transformação da polémica «de aeternitate mundi»*

(pp. 141-71); Inigo Bocken, *L'éthique des conjectures* (pp. 173-85); Diogo Ferrer, *A dupla negação em Nicolau de Cusa e Hegel* (pp. 187-200); Anselmo Borges, *Revelação e diálogo inter-religioso* (pp. 201-12); João Maria André, «*Coincidentia oppositorum*», «*concordia*» e o sentido existencial da «*transsumptio*» em Nicolau de Cusa (pp. 213-243).

Tomo II (*Coincidencia de opuestos y concordia*):

Mariano Álvarez Gómez, *Concordancia en la diferencia según Nicolás de Cusa* (pp. 17-36); Wilhelm Dupré, *Koinzidenz und Wahrheit* (pp. 37-62); María del Carmen Paredes Martín, *El conocimiento intelectual de la «coincidencia de opuestos»* (pp. 63-83); Hans Gerhard Senger, *Der Koinzidentelle Kirchenbegriff des Nikolaus von Kues* (pp. 85-106); José Luis Cantón Alonso, *Teofanía y concordia. Leyendo a Escoto Eriúgena y Nicolás de Cusa* (pp. 107-33); Klaus Reinhardt, *Concordancia entre exégesis bíblica y especulación filosófica en Nicolás de Cusa* (pp. 135-48); Harald Schwaetzer, *Das Verhältnis von «coincidentia» und «aequalitas» bei Nikolaus von Kues* (pp. 149-62); Gianluca Cuzzo, *Aspetti della teologia «in circulo» di Nicola Cusano* (pp. 163-178); Josep Manuel Udina, *La distinción entre «ratio» e «intellectus» y la «coincidentia oppositorum» en Nicolás de Cusa, y sus huellas y vigencia en la modernidad* (pp. 179-89); Julián Jiménez Heffernan, *La materia ignorada. Trópica de la «tiniebla iluminada» del Cusano a Bruno* (pp. 191-202); Monserrat Bartolomé Luises, *La unidad de los contrarios en N. de Cusa y en G. Bruno* (pp. 203-15).

Marco Toste